

Os confins do capitalismo

José Eli da Veiga

Valor - sexta, 28 de janeiro de 2022, p. A15

Ao estudar o capitalismo, os pesquisadores das ciências sociais, que previram seu fim, foram bem mais numerosos do que se imagina. Em grande maioria, também torciam para que a virada chegasse o quanto antes. Contudo, vários simpatizantes de tal “sistema socioeconômico” também se empenharam em explicar por que descartavam a hipótese de imortalidade.

Entre os primeiros, é óbvio que estão Marx e grande parte de seus seguidores, entre os quais, hoje, se destacam Wolfgang Streeck, John Bellamy Foster e Slavoj Žižek. Mas, também, escreveram sobre o término do capitalismo, teóricos de outra estirpe, como John Stuart Mill, Max Weber, John Maynard Keynes e Joseph Schumpeter. Ou mesmo Daniel Bell, Peter Drucker e Jeremy Rifkin.

Tentar entender a longevidade e as variedades deste regime é mais profícuo, que especular sobre a eventual transição para outra ordem, formação social, ou modo de produção. O que sugere excelente pergunta de pesquisa: será que os erros das muitas profecias não poderiam contribuir para a identificação dos mais fortes trunfos sistêmicos?

Foi a aposta do historiador Francesco Boldizonni, ao longo dos quinze anos de sua formação acadêmica, da universidade de Milão (Bocconi) à de Cambridge. O resultado está no livro *Foretelling the End of Capitalism: Intellectual Misadventures since Karl Marx*, lançado pela Harvard University Press.

O título não esclarece a principal ambição: descobrir os atributos que poderiam explicar a resiliência do capitalismo, com base em escrutínio das previsões contrárias. Balanço crítico precedido por admirável descrição analítica das que pulularam desde 1848, quando a própria expressão ‘capitalismo’ foi criada pelo revolucionário francês Louis Blanc (1811-1882).

Panorama bem organizado, em quatro capítulos que separam: incipientes antevisões apocalípticas; renovações no intervalo entre as duas grandes guerras mundiais; mudanças durante a súbita e curta “era de ouro”; e guinadas nestas décadas de “fim da história”.

É até difícil dizer se o melhor está em tão saborosa inspeção histórica das conjecturas dos que se aventuraram a vaticinar, ou no subsequente ousado exercício de procurar dela extrair alguma luz sobre as razões da própria robustez do sistema. Porém, a decorrente hipótese sobre os porquês de tanto vigor, com certeza, não fica à altura das duas proezas precedentes.

A minuciosa revisão de Boldizonni levou-o a atribuir a pujança do capitalismo à combinação entre ‘hierarquia’ e ‘individualismo’. A estrutura hierárquica da sociedade capitalista estaria mantendo a lógica de dominação que caracterizou

as relações sociais na Antiguidade e sob o sistema feudal. Ao mesmo tempo, o individualismo (relações humanas mais apoiadas em contrato do que em laços de solidariedade) seria a forma particular assumida - em sua variante ocidental - por longo processo que começou no início do período moderno.

Todavia, mesmo que fundamental, não parece ser a dobradinha entre hierarquia e individualismo o que mais diferenciou o capitalismo de todas as formações sociais anteriores - não só na mencionada sequência escravista-feudal, de quase toda a Europa, mas nas muitas outras. Bem superior tem sido sua fenomenal capacidade de gerar, com inédita rapidez, inovações sinérgicas, articuladoras de tecnologias e instituições.

A combinação cultural apontada por Boldizzoni está longe de dar conta das mudanças de arranjos evolutivos complexos, engendradas em quase dois séculos. Foram e têm sido tantas, que é difícil listá-las: macromutações, que vão da máquina ao conhecimento, dos lucros aos dividendos, do tangível ao intangível, do custo proporcional ao custo marginal zero, ou do nacional ao global.

No provocador livro *Pós-capitalismo: Um guia para o nosso futuro*, traduzido pela Companhia das Letras, em 2015, o brilhante jornalista britânico Paul Mason defende até um plano para acelerar a transição que já estaria sendo impulsionada pela tecnologia da informação. Esta, “longe de criar uma forma nova e estável de capitalismo, está dissolvendo-o” (p.177).

A pergunta que não pode ser evitada é sobre a importância relativa dos desdobramentos biogeofísicos de todas estas mudanças. O conhecimento científico já avançou o suficiente para que tenha se tornado obrigatório discutir o advento do Antropoceno, posterior aos últimos onze milênios do Holoceno.

Será que, nesta nova época, emergirão - a tempo - as inovações institucionais e tecnológicas capazes de regenerar a biodiversidade, terrestre e oceânica, que começaria pela descarbonização das sociedades? Se sim, o quanto e como alterarão o insigne fôlego de sete gatos do capitalismo?

Os mais preocupados com tais perguntas costumam insistir na ideia de que, a rigor, estaria em curso uma grave crise de ordem “civilizatória”, muito mais abrangente e historicamente decisiva que o porvir do capitalismo. A ideia é sedutora, mas exige discussão sobre a história das civilizações e sobre o conceito de ‘processo civilizador’. Ótimo desafio para uma próxima coluna.

== =

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br